

WESLEY SANTANA BARBOSA

**A IMPORTANCIA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL E A INFLUÊNCIA EXTERNA NA FORMAÇÃO DA
FEB**

São Paulo
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me ajudado enfrentar as dificuldades que tive durante a minha vida, me capacitando para que eu colocasse em prática todo conhecimento empírico e acadêmico para concluir este curso.

Aos colaboradores do polo Tatuapé em especial o coordenador Jeffersson Manoel de Souza Silva, por proporcionar um crescimento profissional e como pessoa, sempre me incentivando e nunca me deixando desistir.

Aos meus amigos de caserna, João Pedro Sales Gomes, Daniel Oliveira Deodato, Yuri Alves Martins, Vilmar Brasil de Abreu Vieira e Caio Henrique Kohshereiber, que me acompanharam em todos os momentos da minha graduação, irmãos de farda que fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Ao organizador do portal da força expedicionária brasileira Derek Destito Vertini, pelo suporte, no pouco tempo que houve, pelas sugestões e incentivos e sem me conhecer pessoalmente se prontificou para divulgar este trabalho, disponibilizando vasto acervo.

Aos meus familiares que nos momentos de minha ausência dedicados aos estudos e trabalho, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. Especialmente minha mãe Inônia Maria Santana Barbosa, meus irmãos Daniela Bruna Barbosa, Debora Maria Santos Barbosa, Rayane Acsa Barbosa, Washington Jose Barbosa, a minha tia Ivonete Maria de Santana Longo e meu cunhado Higor Santos, que me incentivaram desde o início e apoiaram com paciência e amor, em toda minha jornada durante o curso e elaboração deste trabalho, não me deixando desistir.

Por fim deixo meus sinceros agradecimentos a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação.

A IMPORTANCIA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A INFLUÊNCIA EXTERNA NA FORMAÇÃO DA FEB

Wesley Santana Barbosa
Adriana de Souza Carvalho

RESUMO: Este artigo irá analisar e entender como as políticas externas influenciaram no processo de formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante a Segunda Guerra Mundial, e evidenciar a participação, feitos e valores dos militares que combateram na Itália. para isso conclus

Palavras-chave: FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA; BRASIL; POLÍTICA EXTERNA; ITÁLIA; SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

ABSTRACT: This article will analyze and understand how foreign policies influenced the formation process of the Brazilian Expeditionary Force (FEB), during the Second World War, and highlight the participation, achievements and values of the military that fought in Italy. for this, the methodology used in the research was qualitative with a bibliographic review, in articles, books, videos and websites.

Keywords: brazilian expeditionary force; brazil; foreign policy; italy; second world war.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FEB	Força Expedicionária Brasileira
EUA	Estados Unidos da América
GM	Guerra Mundial
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
RI	Regimento de Infantaria

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CONTEXTUALIZAÇÃO INTERNACIONAL DO PERÍODO.....	14
3. O BRASIL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL 1939-1942	15
4. A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DO BRASIL	17
5. A FEB - O PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO, FORMAÇÃO E ENVIO	18
5.1 A ORIGEM DOS COMBATENTES BRASILEIROS	22
6. A CAMPANHA NA ITÁLIA	23
7. DESMOBILIZAÇÃO E RETORNO AO BRASIL.....	25
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

A participação do Brasil com envio de tropas na segunda guerra mundial foi um período marcante em nossa história, e até hoje é um tema que fascina milhares de pessoas. Mas é surpreendente constatar que, após mais de sete décadas, permaneça cercada de tabus e versões errôneas, sofrendo um esquecimento incompreensível.

Seu estudo tem importância pois existe a necessidade de tratar de uma temática pouco explorada atualmente pelos historiadores brasileiros, e serve tanto para o meio militar e civil, tendo em vista que seu aprofundamento corresponde a um aumento do conhecimento sobre a história brasileira assim como do Exército Brasileiro.

Com isso serão abordados alguns fatores que vão de acordo com a cronologia da pesquisa, como no campo político, os Estados Unidos procuraram afirmar sua soberania sobre a América com a política da boa vizinhança formando alianças que visavam sobretudo impedir a penetração dos países fascistas e garantir a supremacia dos estadunidenses diante de seus irmãos latinos. Assim, foram realizadas várias conferências, nas quais se procurava estabelecer qual seria a posição da região em relação aos acontecimentos europeus. Essa preocupação com a segurança continental foi reforçada nas conferências seguintes, que contaram com a participação de todos os países do continente americano.

Ao introduzir as discussões referentes à FEB e seu desempenho, houve necessidade de mostrar as ações do governo de Getúlio Vargas antes, durante e após a oficialização da declaração de apoio aos Estados Unidos na Guerra, e como a conferência de Havana impactou diretamente o Brasil durante a formação da FEB.

Nesta pesquisa a FEB não será tratada na sua totalidade, nem suas campanhas serão analisadas em todos os seus detalhes, mas os seus precedentes, os motivos e as ações que culminaram no seu envio também fazem parte deste estudo, como forma de possibilitar uma melhor compreensão de sua história.

O contexto histórico é o pós Primeira Guerra quando a Europa sofria as consequências deixadas pelo Tratado de Versalhes e o Brasil passava pelo

governo de Getúlio Vargas tendo em destaque o período do Estado Novo. De que maneira as políticas externas influenciaram na formação e atuação da FEB na Itália? Com intuito de responder tais dúvidas o **objetivo central** desta pesquisa é analisar o processo político de negociação, formação e envio da Força Expedicionária Brasileira durante a segunda guerra mundial. Os **objetivos específicos** são, discutir a origem dos combatentes brasileiros, evidenciar a importância da sua atuação na Itália, analisar de que forma ocorreu a sua desmobilização em seu retorno ao Brasil.

A metodologia desta pesquisa será desenvolvida através da leitura de referências bibliográficas dos últimos 75 anos, buscando informações e diálogos relacionados com os pesquisadores, que com suas contribuições, irão nos auxiliar através de fontes históricas ao objeto de estudo que se insere na linha de pesquisa de estudo da história militar.

2. Contextualização Internacional do período

Desde a década de 1930, junto com a ascensão do nacional socialismo na Alemanha e à consolidação do Fascismo na Itália, o governo Vargas colocou em prática uma política de distância em relação aos regimes fascistas emergente e às potências democráticas. Para entendermos essa política - e o relativo sucesso dela não podemos perder o foco no contexto internacional desse período e seus reflexos no Brasil.

A crise internacional de 1930 resultou em uma redução nas importações realizadas pelos países desenvolvidos, com isso os efeitos negativos sobre exportações brasileiras de café. Cabe recordar que esse Commodities representava cerca de 70% dos lucros advindas das exportações brasileiras. Da mesma forma, a entrada de capital estrangeiro no Brasil foi basicamente reduzida. Esses fatos causaram um forte impacto na balança comercial.

Esse contexto começou a ser revertido com a percepção dos EUA e Alemanha de que a recuperação de suas economias dependia do comércio internacional. Esses países voltaram-se em busca de mercados e fontes de matérias-primas na América Latina. Porém suas estratégias comerciais e políticas eram distintas. Os EUA buscavam garantir sua liderança com base no livre-comércio e na

democracia liberal. Já a Alemanha buscava acordos bilaterais de compensação (troca de mercadorias sem intermediação de moeda forte) e politicamente já despontava como um modelo de autoritarismo nacionalista.

No Brasil, as elites brasileiras dividiam-se entre dois modelos, nossa política externa procurava juntar essas duas percepções e, com habilidade, explorar as vantagens decorrentes de uma e outra. Por esse contexto, a política externa brasileira contemplou um "movimento" entre os EUA e a Alemanha que, resultou em vantagens ao país. Entretanto, essa política teria em breve de ser reformulada em função de várias crises internacionais, lideradas pela Alemanha e que resultaria com o início da Segunda Guerra Mundial.

3. O Brasil durante a segunda guerra mundial 1939-1942

Para que se possa entender todo processo para formação da FEB, é preciso voltar um pouco antes na história, e estudar o contexto histórico em que o Brasil se encontrava.

Segundo Bloch (2001) tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele.

Com as várias crises desencadeadas pelo governo alemão indicavam o início de uma nova guerra que, a diplomacia das grandes potências europeias procurava evitar. o governo alemão mostrava que estavam desconsiderando o tratado de Versalhes, pois iniciaram um grande programa de rearmamento, e reocupou a região da Renânia, e em uma sequência espetacular de oportunismo anexou a Áustria, após isso ocupou toda Tchecoslováquia, o mais interessante é que tudo foi realizado com o consentimento da França, Reino Unido, bem como da falida Liga das Nações, no entanto, ao invadir a Polônia, no dia 01 de setembro de 1939, Hitler excedeu todos limites aceitáveis pela França e Reino Unido, levando esses países a declararem guerra à Alemanha nazista.

Com a guerra na Europa, o governo brasileiro declarou sua posição de neutralidade em relação ao conflito. No entanto em julho de 1940, na conferência dos Ministros das Relações Exteriores, realizada em Havana, deram um passo além da neutralidade, não só pelo Brasil, mas por todo o continente, uma vez que deliberaram em conjunto:

Para Moraes (1984) todo atentado de Estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou independências política de um Estado americano, será considerado um ato de agressão contra os Estados que firmam esta declaração.

Segundo Seintenfuss (1981) nessa oportunidade, adota-se uma recomendação segundo a qual qualquer atentado à soberania de um Estado do continente por um Estado extracontinental é considerado atentado ao conjunto do Novo Mundo."

Esta posição de neutralidade veio a ser abalada em 1941, quando os japoneses atacaram a base americana de Pearl Harbor. Estas informações oficiais, presentes em maioria dos estudos publicados em torno do fato, servem para simplificar de certa forma as complexas relações políticas vigentes naquele momento entre países europeus e americanos, o que havia era verdadeiro envolvimento global, com os países estabelecendo laços políticos, tratados comerciais, características de determinadas condições de dependência, este panorama é reconhecido pela forma como os Estados Unidos ajudavam os britânicos mesmo utilizando seu discurso de neutralidade. Na mesma direção estava o Brasil, que aproveitava o momento para negociar suas exportações com os Estados Unidos já que grande maioria dos países europeus apresentavam uma economia em declínio.

Referente ao Brasil, com o início da guerra na Europa facilitou a direitos econômicas com o governo dos EUA. Em 1940, com o bloqueio naval efetuado pela Alemanha, o comércio com aquele país estava praticamente interrompido. De modo conjunto houve um incremento comercial com os norte-americanos e dentro da política de "barganhas", que Vargas utilizava, foi acordado como compromisso do governo norte-americano o financiamento da construção de uma siderúrgica de grande porte no país, como a garantia de assistência militar ao Brasil. O processo da siderúrgica daria andamento no início em 1941, e foi criada a missão de assistência militar e feito um programa de empréstimo e arrendamento para a defesa brasileira.

Após o ataque japonês a Pear Harbor, em 7 de dezembro de 1941, os EUA declararam guerra ao Japão, iniciando a sua participação efetiva no conflito. E confirmando o compromisso firmado na conferência de Havana, o governo brasileiro anunciou, em 28 de janeiro de 1942, na Conferência dos Chanceleres

Americanos, o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 47-49).

Com a solidariedade aos Estados Unidos começariam os ataques dos alemães contra os navios mercantes brasileiros, que se dirigiam ou estavam nos portos norte-americanos. Esses navios passaram a ser alvos dos submarinos alemães e dos seus aliados italianos, nos meses subsequentes, o tráfego marítimo ao longo do litoral nacional, também se tornou alvo dos submarinos ítalo-alemães. No período entre 14 de fevereiro a 19 de agosto de 1942, foram afundados 19 navios mercantes brasileiros, causando a morte de 743 pessoas, entre tripulantes e passageiros. Assim em consequência da sistemática agressão sofrida, o governo brasileiro, respaldado pelo forte apoio popular e pela pressão exercida por parte dos EUA, declarou guerra à Alemanha e à Itália em 22 de agosto de 1942.

4. A importância estratégica do Brasil

De acordo com Fairchild (1989) a entrada dos Estados Unidos no conflito, a presença de forças militares norte-americanas no Nordeste brasileiro começou a ser vista pelo governo daquele país como muito importante, já que as novas bases aéreas construídas naquela região estavam quase indefesas. Essas bases foram planejadas em 1940, dentro do conceito de defesa hemisférica e na segunda metade de 1941, já se encontravam parcialmente operacionais.

Em 1942 os EUA e a Inglaterra estavam se preparando para desencadear a Operação Torch - a invasão das colônias francesas controladas pelo governo de Vichy, no noroeste africano (Marrocos e Argélia) - Com a intenção de fazer com que os alemães tivessem que lutar duas frentes no Teatro de Operações da África do Norte. Sendo assim, havia a necessidade de levar aviões, através do Atlântico, para aquele Teatro de Operações. No entanto, o percurso EUA - Islândia - Inglaterra - África do Norte, era praticável apenas para as aeronaves de maior alcance. Além do que, as condições meteorológicas do Atlântico Norte traziam limitações constantes aos voos dessa natureza durante grande parte do ano.

Nesse contexto, entra o Brasil, com o indispensável nordeste a cerca de 3.000 quilômetros da África do Norte. Em 23 de maio de 1942, ou seja, antes da

declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália, foi estabelecido um acordo com os EUA permitindo a utilização militar das bases navais e aéreas localizadas no nordeste brasileiro, o que diminuía praticamente à metade o espaço marítimo a ser sobrevoado na travessia aérea natal- Dacar.

Em um resumo, a posição estratégica do Brasil no Atlântico sul e a sua importância como fornecedor de matérias-primas necessárias ao esforço de guerra dos beligerantes, dariam ao nosso país uma importância geopolítica que evidentemente não permitiria a manutenção de uma política absolutamente de neutralidade, com a consequência de o país ter parte do seu território ocupado por forças militares de um dos beligerantes.

Com todos esses fatores citados - possibilidade de ganhos concretos para o país, com vantagens políticas para o governo de então, em resultado do espaço de proposição internacional possibilitado pelo início do conflito, junto com as pressões externas emanadas dos EUA em função da importância estratégica do país - contribuíram para o alinhamento com os EUA no conflito. Assim, passamos da neutralidade, para a solidariedade hemisférica - com a construção de bases no nordeste brasileiro pelos EUA. tendo assim feito o rompimento diplomático com os países do Eixo após o ataque japonês a Pearl Harbor. Como uma via de mão dupla, permitimos que os EUA utilizassem as bases supracitadas de modo que não existisse neutralidade. Nosso tráfego mercante passou a ser alvo dos submarinos movidos pela Alemanha e Itália. Com afundamento de 19 navios brasileiros, gerando grande apoio da opinião pública - habilmente explorado pelo governo Vargas - Levando a declaração de Guerra ao Eixo em 22 de agosto de 1942.

Terminando este breve resumo do contexto que levou ao envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, iremos abordar a questão que levou à decisão do envio de uma Força Expedicionária ao Teatro de Operações Europeu. Esse episódio não era uma decorrência natural da declaração de guerra aos países do Eixo, nem mesmo uma demanda norte-americana. Temos que verificar quais fatores levaram ao governo a essa decisão e como ela foi implementada.

5. A FEB - O Processo de negociação, formação e envio

Segundo Fairchild (1989) a negociação referente à participação militar do Brasil no Teatro de Operações Europeu começou a ser discutida em abril de 1943, quando representantes dos governos norte-americano e brasileiros se reuniram para tratar do esforço de guerra conjunto. Com as orientações recebidas do presidente Vargas, a representação brasileira apresentou um plano para o emprego de uma Força Expedicionária com o efetivo de três Divisões, para serem equipadas e treinadas pelos EUA. Como resultado dos entendimentos entre os dois governos, os EUA concordaram em enviar ao Brasil 50% do equipamento para uma Divisão de Infantaria. no qual seria utilizado para treinar Divisões brasileiras. As tropas brasileiras que fossem enviadas ao estrangeiro seriam equipadas pelos EUA, no próprio Teatro de Operações Europeu.

Roosevelt concordou com a participação do Brasil na guerra, contudo o governo britânico considerava inviável a participação da FEB nas operações de combate, devido ao grande atraso técnico em que se encontravam as tropas brasileiras. Com a insistência de Vargas junto ao governo de Roosevelt fez com que o Reino Unido aceitasse a participação do Brasil nos combates. No entanto, das três Divisões originalmente pensadas, apenas uma Divisão de infantaria foi formada nos moldes da doutrina militar norte-americana vigente. Pois as necessidades logísticas de treinamento, equipamento e transporte, essa última fator capital, tornaram o projeto inicial dificilmente possível.

As instruções para a organização da Força Expedicionária Brasileira foram publicadas na Portaria Ministerial número 47-44, de 9 de agosto de 1943. Essas instruções previam que a FEB fosse constituída pela 1 Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) e algumas unidades não divisionárias.

Para Moraes (1984) a 1° DIE teria sua principal força de combate baseada em três Regimentos de Infantaria (RI): o 1° Regimento Sampaio, tendo sede na cidade do Rio de Janeiro; o 6° RI - Regimento Ipiranga, oriundo de Caçapava - SP; e o 11° RI - Regimento Tiradentes, oriundos de São João Del Rei - MG. Além disso, as unidades também constituiriam a 1° DIE: um Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, quatro grupos de Artilharia de Campanha, um Batalhão de Engenharia, um Batalhão de Saúde, uma Companhia de Transmissões (Comunicações), uma Esquadrilha de Ligação e observação, além de pequenas unidades de serviços.

O aviso Ministerial número 471-398, de 7 de outubro de 1943, nomeou o General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes para organizar e orientar o preparo da 1º DIE. No mês seguinte, o Decreto-Lei 6018-A, de 23 de novembro de 1943, criou oficialmente a FEB, sendo o General Mascarenhas de Moraes nomeado seu Comandante em 28 de dezembro de 1943 (MORAES, Volume I, 1984, p. 132-133, 140).

As unidades componentes da FEB foram concentradas no Rio de Janeiro, entre janeiro e março de 1944, iniciando sua instrução para o adestramento de forma consonante com a doutrina em vigor no exército dos EUA. Porém, o equipamento militar era mínimo, uma vez que conforme os acordos firmados com Washington, a FEB seria equipada de forma completa, no Teatro de Operações Europeu, na área em que ficasse inicialmente sediada, isto é, na Itália. Centenas de oficiais brasileiros receberam instrução nos EUA, de modo a formarem um núcleo de instrutores junto à 1º DIE. Junto, oficiais norte-americanos vieram para o Brasil dentro do programa de assistência militar. Esse intercâmbio foi produtivo e essencial para o adestramento básico da FEB, ainda em território brasileiro.

Alguns oficiais brasileiros foram enviados como observadores militares dentro do V exército norte-americano que se encontrava em operações na Itália. Já nesse aspecto, há de se ressaltar que as autoridades brasileiras se omitiram aos relatórios enviados por esses oficiais e que poderiam muito ter contribuído para a preparação logística da FEB, principalmente no que dizia respeito aos uniformes adequados ao norte da Itália. O General Mascarenhas relata em seu livro Memórias (Volume II, 1969, P. 360), com muita clareza, as consequências da falta de preparação logística da FEB:

Os uniformes, calçados e agasalhos, mal trabalhados e pior arrematados eram inapropriados ao clima frígido que enfrentamos. Felizmente fomos em tempo socorridos - esse o termo técnico - pelos órgãos logísticos americanos, que nos supriram de todo material em que éramos deficientes na quantidade ou na qualidade (MORAES, Volume I, 1984).

Mesmo com todos os problemas internos, a FEB foi formada e preparou-se para seguir, por mar, para a Itália, onde ficaria subordinada ao V Exército norte-americano. O General Mark Clark, a mais alta autoridade na cadeia de comando na qual a FEB estava inserida, tinha uma visão clara a respeito do emprego das tropas brasileiras e que pode ser sintetizada no extrato retirado do seu livro Risco Calculado (1970, p. 405), a seguir reproduzido:

[...] chegaram à Itália os primeiros elementos da Força Expedicionária Brasileira. Fizemos planos de integrá-los paulatinamente no V Exército. Sem dúvida o desempenho dos brasileiros era de importância tanto política, quanto militar. O Brasil foi o único país da América Latina a enviar uma Força

Expedicionária para tomar parte na guerra europeia, e, naturalmente, estávamos ansiosos por oferecer-lhes todas as oportunidades de se saírem bem. Ao mesmo tempo, havia considerável diferença no treinamento deles, e achamos importante fazê-los entrar em ação aos poucos. Tínhamos sempre em mente que um revés daquelas tropas acarretaria desagradável reação política nas Américas (CLARK, 1970).

O período em que a FEB chegava à Europa era peculiar, levando em conta que o V Exército havia perdido todas as divisões pertencentes ao VII Corpo de Exército, bem como o corpo Expedicionário Francês, na execução da Operação Anvil. Isso representou a retirada de sete Divisões do Comando do V Exército, sendo três delas norte-americanas e quatro francesas, reduzindo o seu efetivo de 249.000 para 153.00 homens. Assim, a chegada do efetivo brasileiro ocorreu em um momento de redução de militares do V Exército. Porém, o planejamento do Alto Comando aliado determinava aquele comando, a missão de fixar as forças alemãs na península italiana, impedindo-as de reforçar a frente de combate na Normandia (MORAES, Volume I, 1969, p. 168).

Mesmo com o número de militares reduzido, o Comando do V Exército norte-americano estava prestes a organizar uma ofensiva sobre a linha Gótica, com o objetivo de alcançar o vale do Pó e Bolonha antes do natal de 1944. Foi nesse contexto em que a FEB iniciou sua campanha na Itália (CLARK, 1970, p. 407).

É importante observar que a formação da 1º DIE e o envio da FEB para os campos de batalha da Itália vinham alinhado aos interesses do próprio presidente Vargas, dos militares e dos diplomatas brasileiros. A criação da 1ºDIE era um marco na efetiva modernização do exército brasileiro, algo buscado pelos generais brasileiros. Do mesmo modo, a Marinha recebia navios modernos, particularmente os contratorpedeiros, essenciais para o esforço de guerra antissubmarino, e a Força Aérea modernas aeronaves, entre elas os caças P-47 que equiparam o 1º Grupo de Aviação de Caça - também enviado para o combate na Itália e que abrilhantou as páginas da história militar brasileira. No conjunto, essa modernização de todo aparato militar brasileiro, aumentaria o apoio dos militares ao governo Vargas, sendo, portanto, do interesse do chefe de Estado brasileiro. A participação efetiva da FEB no Teatro de Operações Europeu daria a experiência de combate a esse Corpo Expedicionário, e permitiria ao Estado brasileiro ter voz na construção do futuro ordenamento internacional pós-guerra, e colocaria o Brasil em uma posição de destaque frente aos demais países sul-americanos, principalmente no que tange a Argentina, a rival regional da época.

Isso na prática representaria um consenso de interesses do governo, o qual teria seu poder político aumentado; dos militares que teriam suas forças modernizadas e a experiência real de combate; e dos diplomatas que veriam a diplomacia do país em posição de destaque.

Uma vez abordada a negociação, formação e envio da FEB para os campos de batalha da Itália, ainda nos falta relatar algumas linhas sobre a sua atuação em combate, e verificar o porquê de sua dissolução ao término do conflito, antes de regressar ao Brasil.

5.1 A origem dos combatentes brasileiros

Os combatentes da FEB eram oriundos de várias regiões do Brasil e juntava todas as etnias presentes na sociedade brasileira, havia muita dificuldade para se encontrar soldados que se encaixassem no perfil exigido pelos americanos e ingleses. Além disso, a última grande guerra que o Brasil havia participado foi contra o Paraguai em 1865, então, basicamente esses soldados não tinham experiência em grandes conflitos. Durante os anos 40, a maioria das armas ainda era do período da Primeira Guerra Mundial, sendo uma mistura de armas alemãs e inglesas (HASTINGS, 2011).

Os soldados estavam espalhados pelo território brasileiro e suas condições tanto financeiras e físicas também não eram muito boas. Muitos soldados não tinham educação porque moravam no interior, onde a educação básica era um privilégio para poucas pessoas. Quanto à seleção dos soldados houve restrições devido aos padrões norte-americanos já supracitados, principalmente quanto à capacidade física e intelectual e por isso os critérios foram diminuídos. Como coloca Faria:

Num país com população pobre e com baixa higidez física, a alta percentagem de incapazes para o serviço (em especial por problemas dentários e psicológicos) obrigou as Comissões de Inspeção ao abrandamento dos critérios, para ampliar o universo selecionado. Esse fato produziu consequências indesejáveis, como soldados sem as mínimas condições físicas ou de saúde. Pelo mesmo motivo a seleção intelectual foi insatisfatória em diversos aspectos, já que foram incorporados centenas de analfabetos, que não atendiam as exigências para lidarem com equipamentos sofisticados. (FARIA, 2015, p.244)

O efetivo de oficiais também teve que ampliar e para que todo esse pessoal previsto fosse selecionado foram criadas medidas como promoções de oficiais e

convocações de oficiais da reserva. Como consequência o comando de frações no valor de subunidade e pelotão foi um problema, pois o quadro de capitães estava envelhecido, tenentes das turmas de 1936 e 1937 foram comissionados para resolver esse problema, porém teve a desvantagens de se ter oficiais inexperientes.

6. A campanha na Itália

A campanha da FEB na Itália pode ser resumida em vários períodos particulares, que permitem observar seu crescimento como força combatente. O primeiro vai de meados de setembro ao início de novembro de 1944. Consistiu na ação do Destacamento FEB no vale do rio Serchio, e foi ali que teve um contato inicial com o inimigo. O segundo período continua até meados de fevereiro de 1945, seus marcos principais foram: a reunificação da FEB, com a chegada de todo seu efetivo na Itália; as tentativas fracassadas de conquistar Monte Castello; e a defensiva de inverno. O terceiro abrange de fevereiro a março de 1945, entendendo as ações preliminares da Ofensiva da Primavera. É marcado pelas grandes vitórias de Monte Castelo e Castelnuovo e sendo assim mais lembradas pela história. No que se refere a Monte Castello, é inevitável destacar o efeito positivo da sua conquista, em fevereiro de 1945, uma vez que entre 24 de novembro e 12 de dezembro de 1944, os brasileiros tentaram quatro vezes conquistá-lo. Nessa vitória pode ser considerada como um marco no que diz a respeito a eficiência da FEB, que ali mostrou ter atingido um nível de adestramento necessário para todas as ordens que lhe fossem confiadas.

Quarto e último período tem se durante a ofensiva da primavera envolvendo o difícil ataque a Montese. Em Montese, ocorreu um dos mais árduos combates que as tropas brasileiras travaram na Itália, já reafirmando que a FEB não era mais uma Divisão de soldados recém-saídos do campo básico de treinamento. Os militares já demonstravam ser veteranos, com a doutrina norte-americana assimilada, tendo destaque em várias missões atribuídas. Montese é um fato histórico pois marca o amadurecimento do expedicionário brasileiro como profissional na arte da guerra, nesse período o militar brasileiro já era um combatente experimentado e de reconhecido valor. Para podermos verificarmos

a capacidade do soldado febiano, iremos sintetizar dois eventos singulares a seguir descritos:

Durante a ocupação de Castelnuevo pelas tropas do 6º RI, foi encontrada nas suas cercanias uma sepultura, sobre a qual se erguia uma cruz com a inscrição: "3 tapfere- Brasil- Castelnuevo- 24-01-1945", representando uma homenagem dos alemães ao cabo José Graciliano Carneiro da Silva, e aos soldados Clóvis da Cunha Paes de Castro e Aristides José da Silva, pertencentes ao 1º RI, mortos durante uma patrulha, naquele setor, em 24 de janeiro de 1945 (MORAES, Volume I, 1969, p. 264).

Na periferia de Montese, foi encontrada uma sepultura com o epitáfio: Drei Brasilianisch Helten ("Três Heróis Brasileiros"). Tratava-se de mais uma homenagem prestadas pelos alemães à bravura e heroísmo dos soldados brasileiros. Desta feita aos soldados Arlindo Lúcio da Silva, Geraldo Rodrigues de Souza e Geraldo Baeta da Cruz, todos pertencentes ao 11ºRI (PINHEIRO, 1980, p. 69 - 70).

Todos esses relatos mostram a intrepidez e experiência dos militares febianos, que estiveram em combate durante 239 dias em ação na Itália, os pracinhas libertaram vilas e cidades, capturaram 20.573 combatentes inimigos, cerca de 1.500 veículos militares, dezenas de peças de artilharia, além de grande quantidade de munição e armamento portátil, números que atestam sua proficiência militar. Porém, o preço em vidas foi alto, durante a campanha na Itália (COSTA, 1977, p. 45).

O momento é finalizado com o cerco e a completa rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã em Fornovo.

O general Mark Clark definiu com muita precisão a manobra executada; "Foi um magnífico final de uma atuação magnífica" (CLARK apud MORAES, Volume II, 1984, p. 408).

Segundo Young (1980) às 14 horas do dia 2 de maio de 1945, as tropas alemãs se renderam totalmente na Itália, assinada pelo General Von Senger und Etterlin, representante do comando alemão, e pelo General Mark Clark, então comandante do XV grupo de Exércitos Aliados.

Da rendição alemã até meados de junho a FEB atuou como força de ocupação em Piacenza, Voghera, Tortona e Alessandria, quando foi substituída pelo Exército italiano. Após isso, entre os dias 3 e 20 de junho de 1945, a FEB foi transportada para Francolise, a cerca de 50 quilômetro ao norte de Nápoles, a fim de se concentrar naquela região e aguardar a ordem de embarque para o retorno ao Brasil.

Encerrado o conflito na Europa, a FEB retornou ao Brasil também em escalões. O primeiro contingente da FEB chegou ao Rio de Janeiro no dia 18 de julho de 1945, sendo recebido de forma calorosa pela população da capital brasileira, que aclamou seus soldados no desfile militar da Parada da Vitória. Eventos similares aconteceram por ocasião da chegada de todos os escalões da FEB, sempre recebidos com júbilo pelo povo brasileiro.

7. Desmobilização e retorno ao Brasil

Ao término da Segunda Guerra Mundial, o Brasil que havia enviado uma divisão de Infantaria à Europa para combater soldados que representavam as piores expressões de regime ditatoriais, vivia o paradoxo de ter um governo ditatorial - o estado novo de Getúlio Vargas.

No que se refere à FEB, desde a chegada aos campos de batalha italianos, o contingente militar brasileiro crescera gradualmente como força militar, conseguindo o respeito e admiração de todos os que acompanharam essa evolução. A mesma coisa aconteceu no âmbito interno brasileiro, onde a FEB fora percebida como uma força militar conceituada, e havia obtido sucesso em combate, além de tudo de possuir espírito de corpo forjado nos campos de batalha.

A cerca das análises feitas no governo Vargas sobre o que representaria ter um conjunto de soldados dessa natureza na capital federal. O Brasil já possuía um histórico de atuação das Forças Armadas como poder moderador desde a proclamação da República. Imaginava-se que Vargas com toda sua habilidade política pudesse vir a fazer uso da FEB, perpetuando-se no poder. Assim, a única moderna Divisão do Exército brasileiro, forjada nos campos de batalha estava condenada a desaparecer, tão logo retornasse ao Brasil, por força da política interna de então.

Não por acaso ou coincidência, a FEB foi extinta pelo aviso 217-185, do ministro da guerra, na data de 6 de julho de 1945, nele foi determinado que as unidades da FEB, após o regresso ao Rio de Janeiro deveriam regressar ao aquartelamento de origem, sendo os convocados desmobilizados (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 539). Isso implicou na total dispersão da 1ª DIE.

Vale ressaltar que a data do documento em pauta, coincide com a partida de Nápoles do primeiro contingente da FEB que retornava ao Brasil. mostrando assim, as preocupações do governo Vargas com os febianos que voltavam ao país, experimentados em combate e que exprimiam a contradição entre a luta ao lado das democracias e a ditadura do Estado Novo.

Com a inserção do Brasil no contexto internacional, ao lado dos aliados, junto com o envio da FEB para Europa e a vitória contra os regimes totalitários dos países do Eixo, aumentou a oposição ao Estado novo e evidenciou as divergências entre aqueles que apoiavam o governo Vargas. O general Góis Monteiro, que assumiu o cargo de Ministro da guerra, em agosto de 1945, mais para conduzir a saída de Vargas do que para garantir a sua permanência no poder (FAUSTO, 2001, p. 212).

No contexto externo, com o falecimento de Roosevelt um mês antes do fim da guerra, Vargas acaba perdendo um grande e grato aliado, enquanto o presidente Truman não sentia necessidade de manter vínculo com aquele regime autoritário do Estado Novo. O governo norte-americano acaba por instruir a democracia constitucional no Brasil. Sendo assim, as questões política externa e interna acabara se entrelaçando contra o Estado Novo. No dia 29 de outubro de 1945, com muita pressão e opositores, Vargas não teve alternativa senão a renúncia, mesmo já tendo marcado eleições presidenciais para dezembro daquele ano.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como Objetivo Geral analisar o processo político de negociação, formação e envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a segunda guerra mundial, e evidenciar as contradições do Estado novo em função da participação brasileira naquele conflito. Como objetivo específico buscou-se discutir a origem dos combatentes brasileiros evidenciando que os mesmos eram oriundos de várias regiões do Brasil e apesar de todas as dificuldades os soldados brasileiros conseguiram escrever na história uma das mais belas páginas dos anais militares da nação brasileira, evidenciar a importância da sua atuação na Itália, analisar de que forma ocorreu a sua desmobilização em seu retorno ao Brasil.

Procuramos mostrar que a possibilidade de ganhos concretos para o país, com vantagens políticas para o governo, bem como as pressões externas oriundas dos EUA em função da importância estratégica do país foram os principais fatores que levaram a participação do Brasil na guerra.

Também vimos que o envio de uma Força Expedicionária para combater na Europa, se alinhava com os interesses vindos da política interna, pois a modernização das Forças Armadas era de interesse dos militares, da mesma forma, a ação da FEB na Europa, daria algum tipo de participação da diplomacia brasileira no futuro ordenamento internacional do pós-guerra, além de dar uma posição de destaque frente aos países sul-americanos.

Abordamos, de forma resumida, a ação da FEB nos campos de batalha da Itália, destacando seu crescimento como força militar combatente. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela FEB, seus feitos são dignos de honrar os feitos militares, e por mais que era apenas uma Divisão de Infantaria lutando na Itália, sua participação foi decisiva no desfecho da guerra.

Em relação a logística, fica claro como que a FEB era totalmente dependente dos norte-americanos para treinamento, uniformes, armas, munição e alimentação. Além disso a filosofia norte-americana de constante adestramento, mesmo quando na linha de frente, iria de encontro com a mentalidade de muitos brasileiros. Nesse aspecto, foi um choque entre duas culturas e por vezes houve tensão entre tropas brasileiras e norte-americanas, principalmente no período em

que a FEB se firmava como Força combatente e assimilava a doutrina militar dos EUA.

O produto final deste relacionamento foi um exemplo de sucesso em uma coalizão militar. A conexão entre os comandos não foi invasiva, pois preservou a integridade do comando da FEB e a identidade brasileira, mesmo com a 1º DIE inteiramente integrada ao V Exército norte-americano.

Buscou-se relatar a contradição do estado novo de enviar uma Força Expedicionária para lutar contra a agressão de Estados totalitários, sendo o próprio regime de governo brasileiro autoritário. Essa contradição junto com a de pressões internas e externa levaram à renúncia de Vargas e ao término do Estado Novo.

Referencias

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Formas Armadas** (MD 35-G-01). Brasília: 2007.

CLARK, Mark Wayne. **Risco calculado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1970.

COSTA, Octávio Pereira da. **Trinta anos depois da volta: O Brasil na II Guerra Mundial**. 2.ed. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura.

CONN, Stetson; FAIRCHILD, Byron. **United States Army in World War II - The Western Hemisphere - The Framework of Hemisphere Defense**. Washington, D.C Center of Military History, 1989. Cap. XII, p. 303 -330.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

GAMA, Oscar Saldanha da. **A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Capeni, 1982.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **Memórias - Volume I**. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **Memórias - Volume II**. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército ED, 2005.

PINHEIRO, José Juarez Bastos. **A força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial**. 2.ed. Rio de Janeiro: [s.n] 1980.

PINHEIRO, Leticia. **Política Externa Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

YOUNG, Peter. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

WALTERS, Vernon. **Missões silenciosas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

GONGALVES, Williams: Silva, Guilherme A. **Dicionário de Relações Internacionais**. Barueri, SP: Manole, 2005.

CERVO, Amado Luiz. **Inserção Internacional - Formação dos Conceitos Brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2008.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**. São Paulo: Objetiva, 2007.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MCCAN, Frank. **Aliança Brasil Estados Unidos 1937/1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **A entrada do Brasil na segunda Guerra Mundial**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2000.

BUENO, Eduardo. **Brasil Uma história: cinco séculos de um país em construção**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese de doutorado. São Paulo, 2003.

LINS, M de L. F. **A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação**. São Paulo, 1972. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo, 1972.

BARONE, João. 1942: **O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. 2ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Tradução André Telles. itRio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.